



**O CINISMO FILOSÓFICO E O FENÔMENO DO INTER-HUMANO EM “O
ESPELHO” DE MACHADO DE ASSIS: UMA LEITURA DO CONTO
MACHADIANO A PARTIR DO CONCEITO DE FORMA DE WITOLD
GOMBROWICZ**

Edelberto Pauli Júnior (UFMS/CPAQ)
edelberto.junior@ufms.br

Resumo: No conto “O Espelho” de Machado de Assis (1839-1908) o protagonista Jacobina adota uma forma que lhe é imposta pelos outros e pelas circunstâncias a ponto de se tornar refém de sua “alma exterior”. Ele é, portanto, uma criação inter-humana, de tal maneira que, ao ficar completamente só, o protagonista percebe seus sentimentos e pensamentos se esvaírem à medida que se dá a perda gradativa de sua alma externa. Esta ruptura com a sua outra metade é que dá o tom misterioso da história. A propósito, o sobrenatural e sobre-humano no conto, ou seja, o “superior” do mundo já não diz respeito ao Deus da Igreja nem tampouco ao homem, mas nasce da mútua relação dos homens entre si de onde surgem novos ídolos imprevisíveis e ainda mais terríveis. Para pensar o tema, recorremos ao conceito de forma que pode ser brevemente definida como “exteriorização de um modo de ser” (GOMBROWICZ, 2010, p. 14), noção que foi retirada da obra de Witold Gombrowicz (1904-1969), escritor polaco que, assim como os filósofos cínicos relembrados por Machado no decorrer de seu conto, dedicou-se a pensar a interdependência dos valores sociais na constituição da subjetividade humana.

Palavras-chave: cinismo; O Espelho; Machado de Assis; Witold Gombrowicz.

Abstract: In the short story "The Looking Glass" by Machado de Assis (1839-1908), the protagonist Jacobina adopts a form imposed on him by others and by circumstances to the point of becoming hostage to his "external soul". He is, therefore, an inter-human creation, so that, when he is all alone, the protagonist realizes his feelings and thoughts dissolve as his external soul dissipates. This rupture with his other half is what brings the mysterious tone to the story. By the way, the supernatural and superhuman in the story, i.e., the "superior" in the world no longer is related to the church's God nor to the man, but rises from the mutual respect among human beings in which new unpredictable idols and even more terrible emerge. To think about the subject, we use the concept of form that can be briefly defined as a manifestation of a way of being (GOMBROWICZ, 2010, p. 14), a notion that was taken from Witold Gombrowicz's work (1904-1969), Polish writer who, like the Cynic philosophers reminded by Assis in his short story, devoted himself to think about the interdependence of social values in the constitution of human subjectivity.

Keywords: cynicism; The looking Glass; Machado de Assis; Witold Gombrowicz.



Introdução

O conto “O espelho” de Machado de Assis (1839-1908), publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* em 1882 e reunido em livro com o título de *Papéis Avulsos* no mesmo ano, tem o mérito de esboçar problemas complexos da produção e da formação do sujeito. O texto do autor carioca parte da ideia de que viver é acima de tudo conviver, e toda convivência significa a obrigação de adotar uma forma de apresentação social que o escritor denomina de alma exterior. Ao passar em um concurso público, Jacobina, protagonista do relato, submete-se à forma social correspondente à patente de alferes¹, tornando-se refém de sua alma exterior, sendo por ela recriado. Dessa maneira, Machado propõe uma visão da vida psíquica distinta daquela que dota o ser humano de um espírito independente, pois aqui o personagem central é uma criação inter-humana, produto da relação mútua entre os homens, sendo dinamizado e incrementado pelos demais. Para trabalhar o conceito de alma social como uma produção inter-humana, recorremos ao conceito de forma que pode ser definido brevemente como “exteriorização de um modo de ser” (GOMBROWICZ, 2010, p.14), noção que foi retirada da obra de Witold Gombrowicz (1904-1969), escritor polaco que, assim como os filósofos cínicos relembrados por Machado no decorrer de seu conto, dedicou-se a pensar a interdependência dos valores sociais na constituição da subjetividade humana.

A proposição inicial de Jacobina é que “não há uma alma, há duas...” (ASSIS, 1994, p.40). Ele explica aos seus companheiros que “cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...” (ASSIS, 1994, p.40). A alma humana se dividiria em duas metades: a alma interna que seria o espaço da pessoa, com sua realidade individual, e a alma externa ou pública, tão importante quanto a primeira, que seria tudo aquilo que, vindo de fora de nós mesmos, nos completa e também nos transmite a vida. O ser humano seria, metafisicamente falando, uma laranja com duas metades e quem chega a perder uma delas perde naturalmente metade da existência. Ele ainda afirma que há casos em que a perda da alma exterior implica a anulação da existência inteira. Para exemplificar, Jacobina cita o exemplo de Shylock, personagem de *O mercador de Veneza* de Shakespeare, para quem a perda de todo o seu dinheiro fora como um punhal enterrado em seu peito.

¹ Segundo indica o dicionário Houaiss (2008, p. 152), alferes teria sido a patente de oficial abaixo de tenente (no Brasil, a designação foi substituída pela de segundo-tenente).



Seguindo as explicações do protagonista, se a alma interior é a forma como cada um se vê realmente, a alma exterior é a maneira como cada um pensa ser visto pelos outros. É fácil perceber, por meio do exemplo dado por Jacobina, que era o dinheiro que garantia a imagem social de Shylock. Podemos também concluir que não era Shylock quem dominava seus pertences, mas eram eles que o dominavam totalmente. Se não temos o domínio daquilo que nos constituiu enquanto imagem social, podemos, seguindo o exemplo do conto, perder a própria autonomia e, no limite, isto pode custar-nos a vida. O exemplo literário de Shakespeare só antecipa o caso ou a anedota que teria sido vivenciada pelo próprio Jacobina, história que é narrada por ele para ilustrar sua teoria da alma humana.

1. Jacobina

Antes de contar o caso que Jacobina narra a seus companheiros para ilustrar sua teoria, vale a pena lembrar alguns aspectos de sua personalidade. Ele é apresentado inicialmente como o quinto integrante de um grupo de amigos que, ao se reunirem, começam a teorizar sobre os meandros da alma. Mas, ao contrário dos outros, não discute nunca; porque na sua visão: “a discussão era a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial” (ASSIS, 1994, p.39). E ao ser exortado a participar do debate, ele simplesmente argumenta que não vai fazer conjecturas, nem emitir opiniões, pois “uma ou outra pode dar lugar a dissenso” (ASSIS, 1994, p.40). Jacobina só pede aos amigos que o escutem contar um episódio de sua vida, porque “os fatos explicarão melhor os sentimentos; os fatos são tudo” (ASSIS, 1994, p.44). E ainda completa “a melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando” (ASSIS, 1994, p.44).

A anedota famosa do filósofo que provou o movimento andando – respondendo a Zenón de Elea que chegou a postular que o movimento não existia – é atribuída a Diógenes de Sinope, o cínico, que viveu entre os séculos V e IV a. C (MARTÍN GARCÍA, 2008, p.319). Com certeza, o “Sócrates louco”, como era chamado por Platão, concordaria com Jacobina que a melhor definição de amor não vale um beijo de moça namorada, porque, para um cínico, definir com palavras o que já sabemos na prática é simplesmente inútil. Outra questão que também aproxima o conto de Machado do cinismo é a sua recusa da discussão como forma dialética: o discurso cínico, como afirma Michèle Clément (2005, p.151), deixa de se fundar em uma argumentação de *prós* e *contras* para ultrapassar as possíveis contradições por meio de uma



posição única, de uma afirmação segura de seus valores, posição que salienta a voz do enunciador como aquele que, pela experiência dos fatos, atesta a veracidade de seu discurso.

Para evitar a sujeição social dos indivíduos, os cínicos preconizavam apenas um tipo de prática: colocar em questão as representações que fazemos da realidade. Rompendo com a divisão entre o público e o privado, filósofos como Diógenes tinham como atitude filosófica se masturbar ou defecar em público. Outros seguidores da mesma doutrina como Crates e a sua esposa Hiparquia preferiam fazer sexo em meio à multidão. Apesar de preferir o gesto à palavra, os fatos ao conceito, a arte da palavra e a própria filosofia não são rejeitadas pelo cinismo antigo, muito pelo contrário, o discurso é para eles um exercício filosófico com o qual o sábio reflete sobre suas ações e pensamentos e um instrumento pedagógico que tem, entre outras funções, a de exibir uma realidade que os costumes e a sociedade dissimulam. Para eles, o pensamento e a palavra devem emanar da vida e estar conectados a ela, sendo que a filosofia deveria ter como objetivo maior a existência filosófica e não a construção de uma linguagem técnica reservada a especialistas. De modo que eles problematizavam a linguagem e seu poder simbólico, bem como a hierarquia social, que nada mais é do que uma distinção simbólica dos seres humanos.

Além de mostrar a hipocrisia da sociedade grega que não se ofendia da mesma maneira diante de sua corrupção social e política, tais práticas de ascese cínica buscavam algo essencial para a construção da autonomia do sábio: o desprezo pelo olhar alheio e pela opinião pública. A prática deveria funcionar como um ato terapêutico contra as influências que os costumes e valores sociais poderiam ter sobre a opinião que cada um tem de si mesmo. Dessa maneira, eles já problematizavam, como também parece ser a pretensão do conto de Machado, o papel da cultura e do fenômeno do inter-humano na formação da subjetividade humana. Dessa maneira, acreditamos que o texto de Machado é portador de alguns aspectos caros ao cinismo ao enfatizar a necessidade humana de adaptação aos outros, fazendo a crítica da identificação do “eu” com os valores culturais da instância pública, caracterizada como uma instância ameaçante da autonomia individual, como ainda veremos. Tais noções nos parecem fulcrais para a compreensão do conto e indicam uma certa aproximação do escritor com temas do cinismo antigo.

2. Alferes



Com a idade situada pelo narrador entre quarenta e cinquenta anos, Jacobina se apresenta como alguém experiente que conta uma anedota de sua juventude porque aprendeu e se transformou com as peripécias da vida. A história começa com a sua nomeação para o cargo de alferes da guarda nacional, fato que teria ocorrido quando ele ainda era um jovem de 25 anos. Este é o acontecimento que desencadeia uma série de outros, sendo o mais importante deles o convite para que o protagonista, levando na bagagem a farda de alferes, passe algumas semanas no sítio de sua tia Marcolina. Assim que chega à propriedade, Jacobina roga à tia inutilmente que continue a chamá-lo de “Joãozinho, como dantes” (ASSIS, 1994, p.42). Mas ela abana a cabeça, “brandando que não, que era o ‘senhor alferes’” (ASSIS, 1994, p.42). Tantas atenções e obséquios para com o jovem, logo após a sua chegada, como o privilégio de ter em seu quarto a relíquia da casa, o espelho, acaba por causar uma forte transformação em seu caráter:

O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado (ASSIS, 1994, p.44).

Por meio da dialética do ser e do parecer, recurso filosófico que também pode nos remeter ao cinismo antigo², o exemplo de Jacobina expõe uma desproporção entre a pessoa particular e a máscara de alferes que ele veste para frequentar os outros. Submetido à lógica do parecer, neste conto o homem, tal como muitas vezes também acontece na literatura de Gombrowicz, é “cada vez mais opaco e neutro e se exprime através de certos comportamentos e por consequência se torna, exteriormente – para os outros –, muito mais definido e preciso do que chega a ser para si mesmo” (GOMBROWICZ, 1970, p.12-13). Como relata Jacobina, a sua alma exterior deixa de ser “o sol, o ar, o campo, os olhos das moças” para dar lugar aos aspectos culturais de distinção que compõem a máscara social: a cortesia, os rapapés, a etiqueta hierárquica. Há aí, portanto, todo um conflito humano entre duas forças: a interior e a exterior

² Sobre o tema, ver um texto que é paradigmático: a diatribe “Sobre el ser y el parecer” do cínico Teles do século III a. C que se encontra no livro de José A. García (2008, p. 621-622).



que reciprocamente ora se equilibram ora se desequilibram, formando e deformando a maneira de ser do protagonista.

Com exceção das almas exclusivas e enérgicas em que a face exterior da alma é algo firme e absorvente, como a pátria para Camões ou o poder, para César, exemplos dados por Jacobina, a alma exterior de cada um de nós pode experimentar inúmeras trocas. De forma satírica, o protagonista afirma que conhece uma senhora que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano: “durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a Rua do Ouvidor, Petrópolis” (ASSIS, 1994, p.41). Essa senhora, afirma ele, é “parente do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião...” (ASSIS, 1994, p.41). Jacobina ainda acrescenta que ele próprio “tem experimentado dessas trocas” (ASSIS, 1994, p.41). A alma exterior é algo mutável, pois se caracteriza por sua incompletude, variando de acordo com os desejos pessoais e circunstâncias e valores sociais e culturais.

3. Criação inter-humana

Neste conto de Machado, o personagem central adota uma forma ou maneira de ser que lhe é imposta pelos outros e pelas circunstâncias a ponto de se tornar refém de sua alma pública. Ele se torna prisioneiro da imagem de alferes que lhe foi projetada pelos demais e que acaba por determinar as suas possibilidades. A alma exterior resulta ser, portanto, uma criação inter-humana, que, no caso de Jacobina, tem o seu processo de constituição interrompido por conta do problema de saúde que atinge a filha da tia Marcolina, fato que obriga a mãe da enferma a deixar o sítio. A partir daí o protagonista fica sendo o único responsável pela propriedade e começa a experimentar os efeitos físicos e psíquicos da redução das possibilidades de sua alma exterior ao permanecer na companhia apenas de alguns escravos:

Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa forma compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida (ASSIS, 1994, p.44).

Embora os escravos ainda sirvam de um certo consolo para Jacobina, com a fuga definitiva de todos eles, a situação se agrava. Ele fica definitivamente sozinho e percebe seus



sentimentos e pensamentos se esvaírem à medida que se dá a perda gradativa de sua alma pública: “Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico” (ASSIS, 1994, p.46). Ele se torna um autômato que só terá certo alívio ao dormir:

O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: – o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se, com o sono, a consciência de meu ser novo e único, – porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar (ASSIS, 1994, p.46-7).

O sono permite que a alma interior atue sem que a representação que o indivíduo faz de si tenha que ser de fato confirmada, reconhecida e valorizada pelos outros ou pela opinião pública. O estranhamento que sente o protagonista ao acordar se dá porque o “espírito inter-humano coloca em xeque justamente a independência psíquica do indivíduo ao apresentar o homem como constituído por outros, por eles possuído e inspirado” (GOMBROWICZ, 2010, p.14). Assim como no exemplo de Shylock, personagem de Shakespeare, que era dominado pela imagem pública de homem rico, no caso de Jacobina é a imagem pública de alferes que acaba por controlá-lo totalmente. Por conta disso, o protagonista perde a sua autonomia psíquica à medida que deixa de ter o reconhecimento público que é fornecido pela relação inter-humana estabelecida entre ele e os seus parentes e amigos. É a ruptura com a sua outra metade ou alma social que fere a independência psíquica de Jacobina, mas é a subordinação do ser humano a uma realidade inter-humana como força superior que dá o tom misterioso de sua história, como veremos a seguir.

4. O espelho e o espírito inter-humano

Após a fuga dos escravos, Jacobina começou a perceber uma sensação inexplicável, que não era medo, mas que o fazia sentir-se como um sonâmbulo ou um boneco mecânico que só tinha algum alívio durante o sono, como vimos. Ele narra que tudo era um silêncio enlouquecedor, “um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno *tic-tac* da pêndula” (ASSIS, 1994, p.47). Desde que ficou só, ele ainda não havia se olhado nenhuma vez no espelho. Não era abstenção deliberada, “não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um



receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo” (ASSIS, 1994, p.47). Mas, vencendo o temor, ele termina por se ver refletido:

O próprio vidro parecia conjurado com o rosto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, como os mesmos contornos e feições, assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí ao fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer (ASSIS, 1994, p.48).

Sem o glamour social causado pela patente de alferes, Jacobina tem dificuldade de se reconhecer a si mesmo diante do espelho. Ele se sente como se a sua personalidade estivesse dividida em duas sem a companhia dos outros que davam realidade à imagem de alferes que passa a defini-lo e dar sentido a sua vida. Jacobina só recupera a estabilidade emocional quando decide vestir-se de alferes diante do espelho por algumas horas todos os dias: “o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha a menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos; ei-la recolhida no espelho” (ASSIS, 1994, p.48). Com a projeção de sua imagem, Jacobina que, já não podia mais viver sem o mundo do alferes, volta a sentir-se em harmonia com a sua forma exterior.

5. Inter-humano e seus ídolos

Entre os homens, como afirma Gombrowicz (2010, p.13), se cria a Forma, ou seja, os modos de exteriorização como o cargo militar para Jacobina. Como vimos no decorrer da análise, a patente de alferes não é algo meramente formal, um adorno ou máscara social, ela se transforma em um objeto de culto, de adoração sem o qual a vida do personagem perde totalmente o sentido. Por conta disso, podemos afirmar que o sobrenatural ou o sobre-humano que configuram o aspecto misterioso do conto de Machado, o nível “superior” do mundo representado “já não diz respeito ao Deus da Igreja nem tampouco ao homem, mas nasce da mútua relação dos homens entre si de onde surgem novos ídolos imprevisíveis e ainda mais terríveis” (GOMBROWICZ, 2010, p.13).

O ser humano se depara com outra igreja ainda mais terrível que a “Igreja Celeste”, como afirma Gombrowicz (2010, p.14), pois o espírito inter-humano revela um Deus, ou melhor, Deuses que se criam entre os seres humanos e dos seres humanos. Neste sentido, o



fenômeno do inter-humano pode ser analisado como uma força superior e criadora que submete os seres humanos, e que, ainda segundo Gombrowicz (2006, p.121), é a única divindade que nos é acessível.

Considerações finais

Como vimos em “O espelho”, Machado apresenta um mundo em que os seres humanos querem ser vistos como superiores, cultivados e maduros em suas relações sociais. Eles batalham entre si sem descanso por uma distinção social em que possam forjar a si mesmos através dos demais. Paradigmático desse procedimento é o jovem Jacobina que se adapta e se deleita com a exteriorização de sua alma pública. Tal é a força do aprisionamento do protagonista ao glamour social que decorre da patente de alferes que ele chega a quase perder a sanidade ao experimentar a solidão que causa a ruptura com a sua alma exterior.

Este fenômeno evidencia a subordinação do ser humano a uma realidade inter-humana que, ao ser a criadora dos modos de exteriorização, pode produzir em cada um de nós não se sabe quais figuras de dor, temor ou mistério, provocando situações absurdas e ridículas como as que relata o protagonista Jacobina. Ao mostrar que muitas vezes somos meros veículos da Forma, Machado nos faz mais conscientes do nosso próprio artifício pelo qual deformamos nossos semelhantes e somos por eles deformados no mais profundo do nosso ser. A anedota de Jacobina mostra ainda que a consciência dos mecanismos de elaboração da alma exterior pode não nos libertar totalmente da força do espírito inter-humano, ou seja, da nossa necessidade de adaptação ao outro, mas já nos ajuda a tomar certa distância e cuidado com os valores de todo uma cultura e de sua ordem hierárquica. Esta perspectiva filosófica do conto aproxima a narrativa de Machado, como destacamos em alguns momentos da análise, da prática filosófica dos cínicos da antiguidade, bem como do pensamento do escritor polaco Witold Gombrowicz.

Referências

- ASSIS, Machado de. **Missa do galo e outros contos**. São Paulo: Princípio, 1994, pp 39-49.
- CLÉMENT, Michèle. **Le cynisme à la renaissance: d’Erasme à Montaigne**. Genova: Droz, 2005.
- GOMBROWICZ, Witold. **A pornografia**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970, p. 9-16.
- _____, **Ferdeydurke**. Buenos Aires: Sudamericana, 1983.
- _____, **Diario argentino**. Trad. Sérgio Pitol. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.



_____, **El casamiento**. Trad. Alejandro Rúsovich. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2010, pp. 07-14.

MARTÍN GARCÍA, J. A. *Los filósofos cínicos y la literatura moral serioburlesca*. T. I e II. Madri: Akal, 2008.